

## PRAÇA DA GRAÇA: TRANSFORMAÇÕES URBANÍSTICAS DURANTE O REGIME MILITAR (1964-1985)

Ísis Meireles, Alcilia Afonso, Aracelly Magalhães

Universidade Federal do Piauí, UFPI; Grupo de Pesquisas Modernidade Arquitetônica

Mail: [isismeireles@ufpi.edu.br](mailto:isismeireles@ufpi.edu.br)

[kakiafonso@hotmail.com](mailto:kakiafonso@hotmail.com)

[ara3011@gmail.com](mailto:ara3011@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo as transformações urbanas ocorridas no cenário da Praça da Graça e seu entorno imediato, localizada na região litorânea do Estado do Piauí, centro histórico do município de Parnaíba, região nordeste do Brasil, durante o período da ditadura militar no país. Possui como objeto de estudo o espaço delimitado pela Praça de Nossa Senhora das Graças, ou Praça da Graça, seus equipamentos e configuração urbana, bem como os perfis das edificações fronteiriças a mesma, localizadas nas ruas Oscar Clark, Pires Ferreira e Vereador Alcenor Candeira. O logradouro Praça da Graça e seu entorno compõem a paisagem cultural histórica da cidade constituindo-se em local de memória, símbolo de identificação de uma sociedade cuja trajetória deve ser preservada como patrimônio histórico e cultural.

**Palavras chaves:** Praça da Graça, paisagem urbana, memória

### ABSTRACT

This article talks about the issues of landscape and urban heritage. The object of study addresses the urban transformations that have occurred in the setting of Praça da Graça and its immediate surroundings, located in state of Piauí, historic center of the city of Parnaíba, during the military dictatorship period. Has as its object of study the space delimited by the Praça da Graça, equipment and urban settings, as well as the profiles of the same border building, located in the streets Oscar Clark, Pires Ferreira and Alcenor Candeira. The Praça da Graça comprise the historic cultural landscape of the city constituting a memory location, identification symbol for a society whose path should be preserved as a historical and cultural heritage.

**Key words:** Praça da Graça, urban landscape, memory

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo as transformações urbanas ocorridas no cenário da Praça da Graça e seu entorno imediato, localizada na região litorânea do Estado do Piauí, centro histórico do município de Parnaíba (Figura 1), região nordeste do Brasil, durante o período da ditadura militar no país (1964-1985). Possui como objeto de estudo, o espaço delimitado pela Praça de Nossa Senhora das Graças, conhecida por “Praça da Graça”, seus equipamentos e configuração urbana, bem como os perfis das edificações fronteiriças à mesma, localizadas nas ruas Oscar Clark, Pires Ferreira e Vereador Alcenor Candeira.

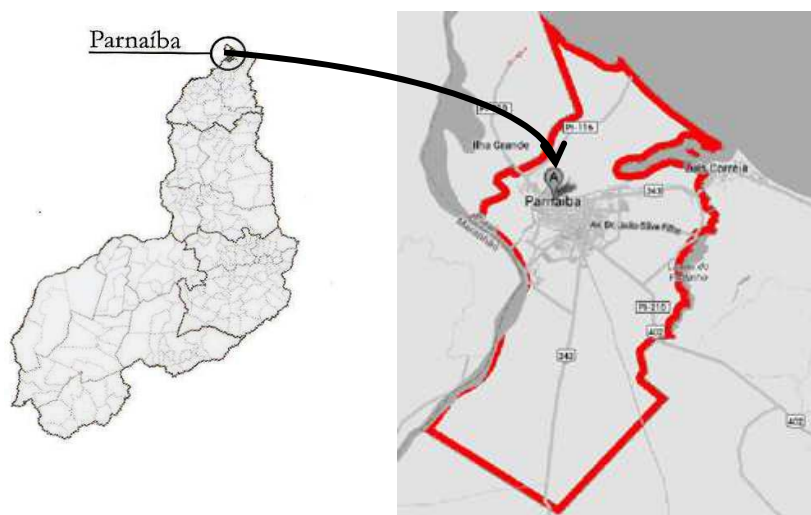


Figura 1: Localização de Parnaíba  
(Google Maps, 2013 com modificações da autora)

Estabeleceu-se, como recorte cronológico para o eixo temporal, a década de 1964 a 1985, período em que ocorreram substanciais transformações físicas, políticas e sociais, durante a vigência do Regime Militar no país. A cronologia escolhida possibilitou vislumbrar o passado e o tempo presente, historicizando as múltiplas alterações no sítio em estudo até a contemporaneidade. Destaca-se para esse trabalho a alteração ocorrida no final do período analisado, que modificou sua configuração espacial completamente.

Os objetivos específicos são identificar essas alterações morfológicas e analisá-las através de um olhar estilístico, urbano e arquitetônico. O objeto em si, constitui-se de um logradouro onde se refletiam os hábitos e costumes vivenciados pela população parnaibana no período abordado.

O presente trabalho visa contribuir para a história urbana estimulando novas pesquisas no âmbito da paisagem urbana histórica, de conjuntos históricos piauienses, através do estudo das transformações arquitetônicas ocorridas no logradouro da Praça da Graça, em Parnaíba, e de seu entorno, da análise das mesmas e do contexto em que ocorreram, construindo uma narrativa historiográfica acerca do objeto de estudo no recorte temporal proposto.

A construção do presente trabalho justifica-se também pela relevância do sítio em que o objeto de pesquisa se encontra. O conjunto escolhido integra a Paisagem Urbana Histórica de uma cidade de potencial turístico e econômico para o Piauí e vizinhança, sendo parte integrante do Conjunto Histórico Praça da Graça, tombando pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, no ano de 2008.

## 2 HIPÓTESES

O desenvolvimento da pesquisa partiu de um questionamento central, sobre qual a relação entre a arquitetura do entorno, o território da Praça da Graça e o desenvolvimento urbano, político e social da cidade? A partir dessa problemática inicial, outras questões se fizeram presente para a compreensão da evolução do objeto de estudo, tais como: De que maneira as transformações políticas, econômicas e sociais do período apareceram refletidas no panorama urbano da Praça da Graça? Quais as condições históricas

que possibilitaram as transformações em questão? Que práticas foram adotadas para atualização urbana do objeto de estudo no período analisado?

Para Pesavento (1999) intervenções que transfiguram o traçado urbano e a arquitetura da cidade possuem uma conotação e um sentido, não se limitando apenas a modificações formais, mas intencionando atingir “sociabilidades e valores do povo.” Portanto, se faz necessário, para esclarecer as questões expostas acima, investigar as relações políticas e as transformações econômicas cujos sinais encontram-se nas modificações espaciais e formais da paisagem estudada.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia utilizada trabalhou com dois métodos: O da pesquisa histórica e a pesquisa arquitetônica e urbanística. A pesquisa histórica possui natureza funcional sendo essencial para o entendimento de um objeto analisado, a pesquisa arquitetônica e urbanística considera que as edificações se constituem como fonte de memória de uma época e sociedade. O método utilizado foi apresentado por Serra (2006) em seu livro Pesquisa em Arquitetura e urbanismo / Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação e fundamenta a análise de componentes arquitetônicos e urbanos em sistemas e processos.

Nessa pesquisa considera-se a Praça da Graça como sistema e buscar-se-á compreender os processos pelos quais ela passou. Dessa maneira, utilizando-se a semiótica planar (Cardoso; Mauad, 1997) os traçados do objeto de estudo foram representados iconicamente a partir de desenhos bi dimensionais, criados com auxílio de softwares CAD e realizados a partir da observação do acervo iconográfico do local e seu entorno, a fim de atingir os objetivos específicos da pesquisa, ampliando a inteligibilidade das formas urbanas e arquitetônicas.

### **4 CASO**

#### **4.1. Referencial Teórico**

A Praça da Graça deu início à vida urbana de Parnaíba. Buscou-se então a compreensão acerca da formação das primeiras vilas e cidades brasileiras. A concepção espacial portuguesa implantada nas vilas brasileiras coloca logradouros como o da praça como centro da cidade, trazendo para junto de si os edifícios institucionais e compondo um espaço voltado para a reunião popular. As edificações possuíam implantação e alinhamento das estruturas arquitetônicas e urbanísticas bem definidas, que se explica pela existência de padrões ordenadores vinculados à tradição portuguesa (Caldeira, 2007). Essa locação criava superfícies edificadas contínuas, que, por se situarem ao redor da praça, eram dotadas de maior visibilidade e para tanto, recebiam maior apuro formal e estético em sua arquitetura. Assim, utilizaram-se as pesquisas de autores como Reis Filho (1978) para compreensão da formação das cidades brasileiras e Caldeira (2007) que trabalhou as praças no Brasil.

O aporte teórico utilizado na revisão da literatura e construção sobre o tema de cidade e espaços públicos abordou Michael Certeau (1998), Jaques Le Goff (1990), Françoise Choay (2001), Aldo Rossi (1998) e Henri Lefebvre (2008). No aporte teórico arquitetônico buscou-se autores como, Frampton (1997), Koch (2004), Sitte (1992), Cullen (2004), essenciais para compreensão e caracterização das formas urbanas, volumétricas e arquitetônicas dos edifícios históricos. E, para a construção do contexto histórico piauiense e parnaibano nas décadas de 1970 e 1980 recorreu-se aos trabalhos de autores como Nascimento (2002), Queiroz (2001), Afonso e Negreiros (2010).

#### **4.2. Parnaíba. Antecedentes históricos**

No recorte temporal em estudo, o Brasil encontrava-se egresso no que chamavam de ‘milagre econômico’. Para Paul Singer (1977:9) “o desenvolvimento econômico constitui um processo histórico de mudança global da sociedade.” Isso promoveu e financiou a característica desenvolvimentista e transformadora evidente no período, e, de maneira mais enfática na gestão de Alberto Tavares Silva, governador do Piauí nos anos de 1971-1975.

O Piauí seguia o modelo de progresso praticado no restante do país. O governo instalado a partir do golpe militar em 1964 “outorgava-se o direito de, em nome do progresso, promover quaisquer meios para atingi-lo”. Eram as estratégias da ditadura para cercear quaisquer táticas de contestação. Lefebvre (2008:127)

afirmava que “o urbanismo, enquanto ideologia dissimula estratégias.” Isso porque as alterações urbanas eram utilizadas nesse momento como meio de ordenamento territorial, organização e coação social.

Teresina empreendia grandiosas obras de infraestrutura que veiculavam no imaginário popular a onírica modernidade. Para Marshall (1986), nos países emergentes do séc. XX, como o Brasil, o modernismo acontece mais como uma ideologia, ou seja, modernidade, com seu caráter onírico e expressão do desejo de desenvolvimento do que de fato como realidade social. Parnaíba não acompanhava nesse momento, em termos financeiros, o progresso e as transformações da capital. Com a retração da economia instalou-se a marginalização, o abandono e a degradação urbana e arquitetônica (Mendes, 2012).

Na tentativa de alcançar o avanço vislumbrado na capital e em outras cidades do estado e da nação, as forças políticas do período propuseram e realizaram uma série de transformações modernizadoras na cidade, fugindo do aparente atraso e estagnação. Entre estas medidas encontrou-se a total destruição do traçado da Praça da Graça existente, edificada em estilo eclético (1º momento) e criou-se um espaço público novo, no mesmo local, de traçado completamente distinto do anterior (2º momento).

### **4.3. Praça da Graça: 1º momento**

Foi realizada uma reconstituição bidimensional desses dois momentos históricos urbano, a partir da análise de imagens do acervo histórico. O traçado inicial era constituído por dois logradouros, Largo da Matriz, defronte à Igreja de Nossa Senhora das Graças e largo do Rosário, defronte à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos pretos, separados por uma importante via, atualmente extinta, a Rua da Glória. Criado ainda nos anos 20, foi incorporado a extensas áreas verdes gramadas e caminhos semicirculares entrecruzados, componentes do projeto.

O Largo do Rosário apresenta menores dimensões que o largo da Matriz e observam-se dois espaços em suas extremidades onde funcionavam postos de gasolina. Em seu espaço central considera-se o traçado geométrico de múltiplos caminhos, semelhantes a um labirinto, que transformam a travessia em local de encontro. Seu traçado era marcadamente geométrico, formal, racional e clássico que insere a estética urbana como “símbolo de uma ordem social e governamental” (Caldeira, 2007). Encontrava-se entre as ruas Oscar Clark e a Rua da Glória. Possuía um traçado de múltiplos caminhos, semelhantes a um labirinto, que transformam a travessia em local de encontro.

O Largo da Matriz possuía amplos passeios laterais e a intersecção dos semicírculos que formam uma figura semelhante a um triângulo, onde, em sua centralidade, se destacam diferentes locais de contemplação e sociabilidade, a pérgula de ferro e o monumento da Independência. Fora da centralidade do retângulo espacial encontra-se locado o coreto, defronte à Igreja Matriz.

A vegetação de médio porte permitia a plena contemplação das fachadas edificadas e que os bancos e mobiliários encontravam-se espaçados de maneira ordenada. As casas que compunham os perfis visualizados eram em sua maioria em estilo colonial, germinadas, com portas e janelas bem marcadas e pequenos beirais. Há também, fachadas que já se configuram no estilo eclético, com platibandas e a presença de alguns ornamentos. O mobiliário de ambos os largos eram padronizados. Do ponto de vista do usuário, todo o espaço ao redor dos dois espaços é tangível e perceptível.

A configuração morfológica do local tornava possível a formação de agrupamentos populares devido à configuração morfológica do local, com traçado de características renascentistas, regulares, planas e formais. Em contraste com os quarteirões edificadas de influência colonial, a geometria plana das Praças facilitava a aglomeração de multidões e dava visibilidade a qualquer manifestação, uma vez que muitos edifícios institucionais e socialmente relevantes encontravam-se ao redor desse vazio urbano (Caldeira, 2007).

Na porção do Largo da Matriz encontra-se o monumento da independência. Edificado em 1922 por ocasião do centenário da independência no Piauí, no encontra-se centralizado em relação à dimensão transversal do logradouro, sendo ponto focal de convergência de múltiplos caminhos. Assim, o sítio apresentado configuraria o espaço das relações sociais da primeira metade do séc. XX, rompida ao final dos anos 70, onde se materializaram as mudanças da sociedade parnaibana no período.

Na figura 2 observa-se a planta baixa a reconstituição desse traçado.

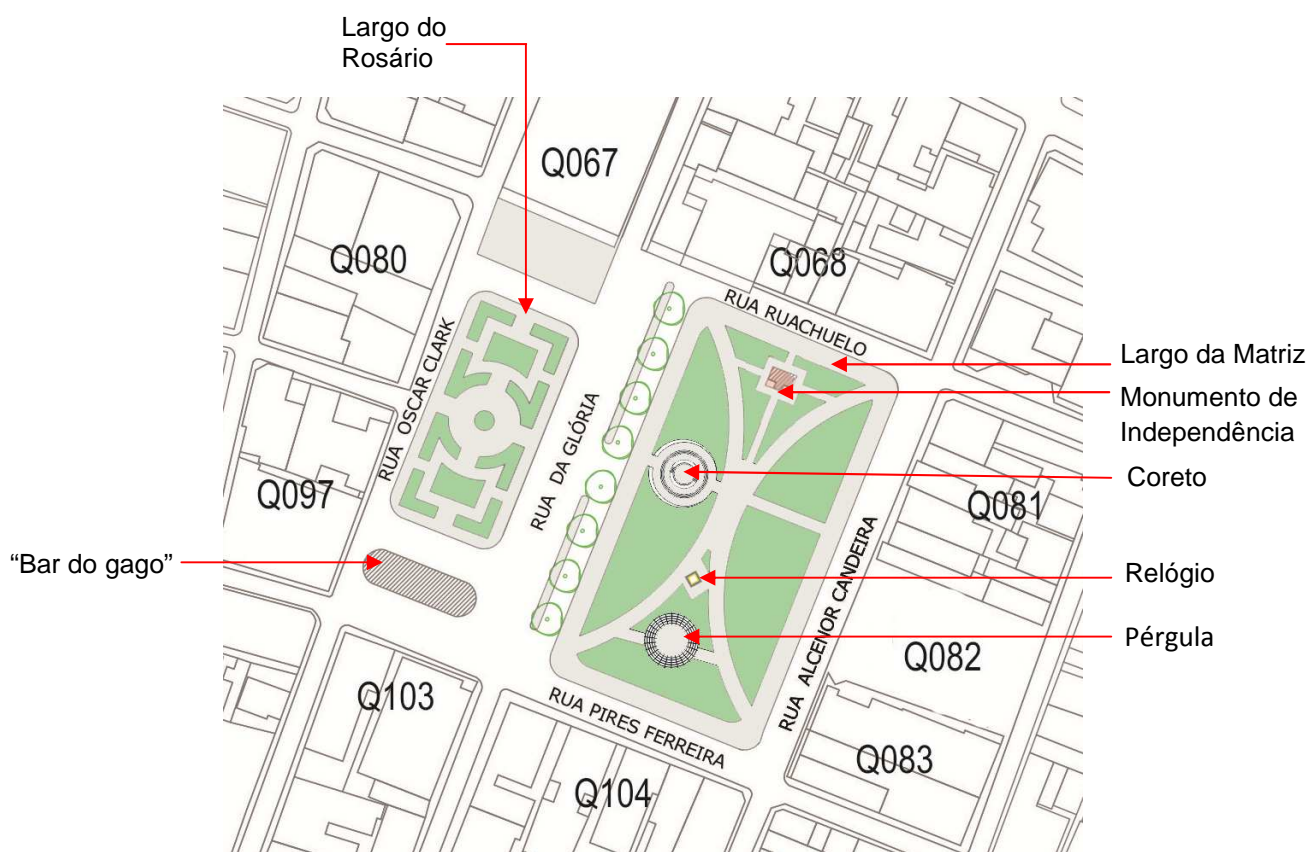


Figura 2: 1º Momento da Praça da Graça, reconstituição (Meireles, 2013)

#### 4.4. Praça da Graça: transformações urbanísticas e arquitetônicas do objeto (2º momento)

O modernismo possuía em sua essência a ideologia de se diferenciar de antigas tradições, especialmente com o movimento anterior de historicismo, buscando inovar nas construções e no comportamento social. Foi escolhido como estilo nacional, entre outros fatores, por encontrar-se em sintonia com o que acontecia no cenário internacional, o desenvolvimento de novos sistemas estruturais e indo de encontro com a necessidade formal de “um Estado que se queria novo” (Cavalcanti, 1999) como ocorria no período, sobretudo no governo de Getúlio Vargas.

No período estudado, muitas edificações que compunham o entorno imediato da Praça da Graça foram retiradas para dar espaço às novas construções modernas, a exemplo da tipologia institucional adotada, de características pré-estabelecidas e materiais mais avançados. Isso porque, para os expoentes do modernismo internacional, Gropius e Le Corbusier “a arquitetura moderna traduzia um momento de ruptura com a sociedade anterior.” (Cavalcanti, 1999:180) As novas construções isentas de ornamentos, com dimensões monumentais, que utilizavam materiais típicos da produção em massa como o ferro e o vidro varreram antigas edificações ornamentadas de estilo eclético ou colonial, ‘modernizando’ as cidades e livrando-as em parte do que era considerado antiquado.

As rupturas mais intensas na paisagem urbana estudada ocorreriam a partir do governo de João Batista Ferreira da Silva. Eleito prefeito em 15 de novembro de 1976, governando até 1982. Recebeu a cidade com os logradouros públicos bastante deteriorados. A Praça, que anteriormente já havia sido uma das mais belas, encontrava-se em situação precária de uso ou de proporcionar lazer à população. Era iminente e necessária uma grande reforma. Partindo dessa necessidade e sem recursos para ser executada pela administração municipal, o prefeito firmou um convênio no valor de seis milhões de cruzeiros em 1979 destinados à reconstrução da praça com o Governo do Estado. Essa reforma constitui-se em um dos principais acontecimentos municipais no período e será analisada mais profundamente no item a seguir.

Baseada nas concepções modernas de desvinculação com o passado para realização do novo projetou-se uma praça completamente distinta da anterior, palco das memórias coletivas por sediar importantes acontecimentos históricos. Isso alterou significativamente a relação de identidade dos usuários com o local.

O projeto aprovado pela Secretaria de Obras foi encomendado junto ao tradicional escritório Borsoi, em Recife, reconhecido nacionalmente por seus trabalhos. Com as obras já iniciadas pela construtora Engene, notou-se que a nova praça não atendia as exigências em contrato, mas, segundo Silva (1987) o real motivo para a total demolição foi a leitura errônea do projeto recebido do escritório contratado pelos assessores do prefeito, que não possuíam conhecimento técnico para tal, transformando a referida praça em local de estacionamento.



**Figura 3: 1º Momento da Praça da Graça, vista aérea.**  
(Fontenele, 2010)

A praça original (figura 3) dividida em duas partes e que possuía enorme apego sentimental pela população daria lugar a um projeto do Design Gerson Castelo Branco, completamente distinto inserido no contexto de modernização. O paisagismo remetia ao praticado no período por Roberto Burle Marx, autor dos jardins de obras relevantes da arquitetura brasileira, sobretudo de logradouros públicos e parques e que se encontrava associado a “expressiva e divulgada arquitetura moderna brasileira, especialmente nas décadas de 40 e 60, da qual foi o arquiteto paisagista oficial” (Macedo, 1999: 17).

A nova proposta urbana significou uma mudança de postura projetual, priorizando a concepção moderna de praça como espaço livre de circulação e área verde nativa (Caldeira, 2007) com traçados geométricos de inspiração abstrata e natureza funcional. Surge um lago artificial iluminado, de formato semicircular. As áreas verdes antes regulares e rígidas passam a ter seu espaço delimitado inspirado numa concepção radial da praça, onde o espelho d’água torna-se o ponto de convergência.

Observam-se amplas áreas com pouca variação de espécie e ausência de foco perspectivo na utilização do usuário. A vegetação nativa desse tipo de concepção moderna de espaço público foi exaltada, característica recorrente do sentimento nacionalista existente no período.

Outros elementos típicos do estilo arquitetônico abordado foram as placas de concreto na passarela sobre o espelhos d’água, criando circulações específicas e direcionadas que aproximavam o usuário da fauna e da flora inserida a partir da criação do lago artificial. Os demais caminhos de passagem foram pavimentados com pedra portuguesa, material, segundo Macedo (1999), herdado das concepções de paisagismo de estilos anteriores.

A figura 4 apresenta a planta baixa da configuração urbana desse segundo momento.

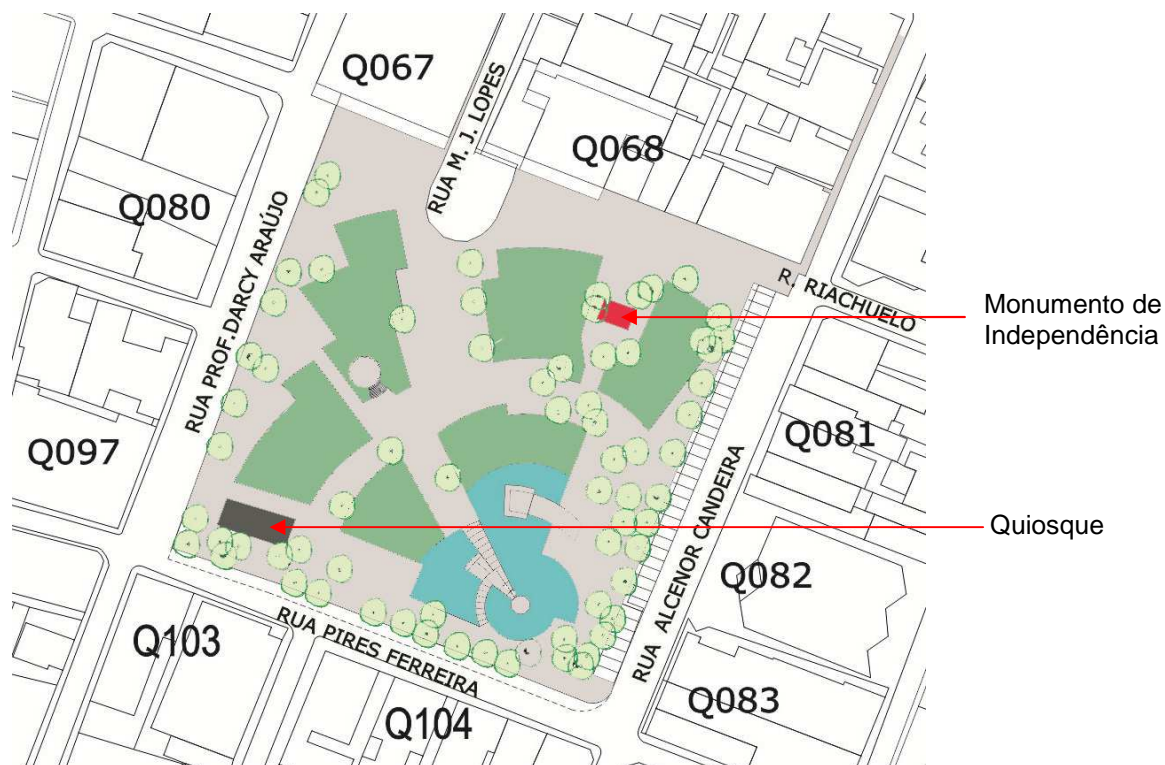


Figura 4: 2º Momento da Praça da Graça.  
(Meireles, 2013)

A implantação de árvores de grande porte, não dá continuidade às edificações circundantes, dificultando a percepção do ambiente, criando áreas de proteção solar e zonas de uso que reforçam o carácter funcional do projeto. Em contrapartida, a utilização dos espelhos d'água (figura 5) permitiu a reflexão da abóbada celeste, diminuindo as sensações de confinamento causadas pela densa copa das árvores. movimento proporcionado pela utilização de fontes nos espelhos d'água amplia a experiência sensorial do logradouro pelos usuários.



Figura 5: Nova Praça da Graça.  
(Arquivo Cosme Sousa, 2010)

O monumento da Independência, antes ponto focal do lugar, passou a se encontrar num espaço estreito entre dois amplos jardins cujo paisagismo não favoreceu sua contemplação, retirando-lhe assim, a função primordial de marco de convergência, algo que frequentemente ocorria em remodelações de espaços públicos (Cullen, 2004:29).

Na porção sudoeste da Praça foi instaurada uma edificação com características vernaculares, feito em madeira de carnaúba e coberta de palha, elementos típicos da região e cuja função era de serviço, funcionando um bar/lanchonete. A construção simples fazia parte de um projeto maior de valorização nacional e local que defendia a utilização de itens próprios do sítio em que se encontrava.

Na lateral sul e na porção leste foram adicionados estacionamentos, mudança necessária para atender a maior demanda de utilização de veículos automotivos. O conjunto formado pelo traçado urbano e vegetação nativa desse segundo momento da Praça interfere radicalmente na paisagem urbana, até porque o paisagismo não se restringe apenas as delimitações do canteiro, e sim, foi utilizado por toda a extensão da Praça causando um contraste intencional entre espaço verde e a massa construída circundante. A Praça torna-se então um bolsão verde, refletindo novamente em seu projeto as concepções modernas que vinham sendo praticadas por todo o país.

Dessa maneira, a nova configuração espacial do logradouro foi, gradualmente, se inserindo na memória coletiva de seus usuários a partir de diferentes apropriações, proporcionadas pelos novos equipamentos urbanos. Após essa transformação, a praça permaneceu inalterada até o ano de seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN no ano de 2008.

## 5. CONCLUSÃO

Verificou-se que a arquitetura do entorno, o território da Praça da Graça e o desenvolvimento urbano, político e social da cidade apareceram refletidos no logradouro através das alterações do traçado e das fachadas, fazendo com que na atualidade coexistam em seus perfis arquitetônicos diferentes estilos de construção, materiais e formas, corroborando com o pensamento de Cullen (1999: 29), quando afirma (sobre as cidades de fundação antiga): “apresentando na sua morfologia provas dos diferentes períodos de construção, patentes nos diferentes estilos arquitetônicos e nas irregularidades do traçado é natural que evidenciem uma amalgama de materiais, estilos e escalas.”

As transformações políticas, econômicas e sociais do período apareceram refletidas no panorama urbano através da substituição e alteração da forma do próprio logradouro em si, que passou de eclético à modernista, e pela descaracterização e alteração da forma de seus exemplares arquitetônicos que deixaram de ser de tipologia colonial e eclética e passaram a ser, em sua maioria, Art Déco (estilo de transição) e modernista.

Confirmando o que Le Goff (1990:198) diz, “O moderno tende, acima de tudo, a se negar e destruir.” A febre modernista se fez presente na área analisada especialmente através das substituições arquitetônicas presentes no entorno, que proporcionaram às fachadas estudadas o advento da “modernidade”. As diversas modificações urbanas e arquitetônicas ocorridas nas décadas de 70 e 80 faziam parte do pensamento moderno de desvinculação com o passado para realização do “novo”.

Assim, se concretizaram no objeto de estudo modificações de traçado urbano e expurgo de mobiliário e construção civil passado, renovando sua paisagem urbana, possibilitadas pelo desejo político de se modernizar. As práticas adotadas foram de ruptura e total negação da morfologia existente, até mesmo porque o estilo de construir do modernismo tinha essa característica de rejeição, propagado pelas ideologias políticas de progresso.

Essas alterações foram feitas com o sentido político de imprimir sua marca em um logradouro importante da cidade, perpetuando os feitos de uma gestão. Foram realizadas também com a intenção de demonstrar a prosperidade econômica da cidade recuperada após uma intensa crise financeira devido ao declínio do comércio devido ao desuso do transporte naval.

A região analisada passou por inúmeras intervenções que levaram às descaracterizações e retiradas de itens de valor sentimental e histórico, devendo ter sua história preservada. A memória de um local repleto de fatos históricos é vital para a compreensão da transformação social.



Observou-se durante a pesquisa a relevância do entorno e do logradouro Praça da Graça para a cidade e seus habitantes ao se constituir em local de memória, símbolo de identificação de uma sociedade e sede de acontecimentos que refletiam e representavam as transformações políticas e sociais vivenciadas pela população na época em estudo e em anos anteriores.

## **BIBLIOGRAFIA**

CALDEIRA, J. M. (2007). *A praça brasileira. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

CARDOSO, C.F., MAUAD, A. M. (1997). *História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema 1997* In: Cardoso, C. F., VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história – Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.

CAVALCANTI, L. (1999). *Modernistas, Arquitetura e Patrimônio*. In: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV.

CULLEN, G. (1999). *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70.

LE GOFF, J. (1990). *História e Memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP.

LEFEBVRE, H. (2008). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG.

MACEDO, S. (1999). *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: Quapa.

MARSHALL, B. (1986). *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

MENDES, S. (2012). *Sem medir as palavras: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982)*. Dissertação de Mestrado. UFPI, 2012.

NORA, P. (1993). *Entre história e memória: A problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez.

PESAVENTO, S. J. (1999). *O imaginário da cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

REIS F. (1978). *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva.

SERRA, G.(2006). *Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: EDUSP.

SILVA, M. (1987). *Parnaíba, minha terra*. Crônicas. Parnaíba.

SINGER, P. (1977). *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional.